

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*).

---

BETTENSON (Henry). — *Documentos da Igreja Cristã*. Tradução de Helmut A. Simon. ASTE. São Paulo, 1967. 370 págs.

ASTE é a sigla da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, sediada em São Paulo. Tem esta a finalidade de congregar os educandários teológicos do Brasil, sobretudo evangélicos, promovendo a discussão de problemas que lhes dizem respeito, a unificação de currículos, o intercâmbio de alunos e de professores e, além de outros objetivos, a publicação de livros para o preparo do ministério da Igreja e a atualização, inclusive, do laicato.

Neste sentido a ASTE já publicou mais de uma vintena de valiosas obras, tanto de autores estrangeiros como nacionais, no campo da Teologia, da Filosofia, da Sociologia e da exegese bíblica. Porém, tais volumes, são de grande alcance também para os profissionais dos vários misteres, como é fácil perceber, a exemplo do que se dá agora com o do título supra, ou seja, *Documentos da Igreja Cristã*.

Encerra o referido tomo, em suas 370 páginas, valiosos documentos da Igreja Cristã desde o tempo dos Apóstolos até nossos dias. Ali está, por conseguinte, a fonte por excelência da História e, de certo modo da História secular. De sorte que os estudiosos poderão através dos textos recompilados verificar o desenvolvimento dessa grandiosa instituição, o porquê de determinados acontecimentos ou pronunciamentos, como procederam concílios, sínodos ou mentores da Igreja, como pensavam os cristãos de uma época e que resposta deram às heresias. Enfim, como a Igreja vive, sente e pensa.

Podemos adiantar mesmo que quem quiser conhecer a História do Ocidente precisa ler uma obra da natureza de *Documentos da Igreja Cristã*, em vista da relação existente entre aquela e o Cristianismo. A Igreja exerceu papel atuante no Império Romano, bem como na Idade Média e nos tempos modernos, e também recebeu influências de governos e comunidades. Daí porque o livro em apreço transcreve documentos de diversas épocas, tais como do tempo de Nero, de Henrique IV, de Filipe-o-Belo, em torno da questão das investidas, além de outras fases da História, relacionadas com a Alemanha e a Inglaterra. Mas a quase totalidade da documentação é estritamente religiosa: excertos do pensamento de Santo Inácio, de Tertuliano, de Anselmo, de Tomás de Aquino e de tantos mais. A Reforma Protestante e a Contra-Reforma abrangem algumas dezenas de páginas, sem esquecer o Concílio de Trento. O autor

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

selecionou também diversos documentos básicos das principais seitas evangélicas. A última secção do livro é dedicada ao ecumenismo moderno, particularmente ao Conselho Mundial de Igrejas.

A obra apresenta falhas, que bem se podem desculpar. O autor, Henry Betenson, é anglicano, e como êle próprio esclarece, procurou dar um pouco mais de atenção à Inglaterra, pois escreveu para a sua gente. Reservou-lhe nada menos de cinco secções. Entretanto, é estranho que haja silenciado quase por completo sôbre o protestantismo na França e Escócia e, de igual modo, sôbre a Igreja Oriental. Isso, contudo, não lhe desmerece o valor.

Em futura obra que a ASTE pretende publicar sôbre a Igreja no Brasil, lembramos a conveniência de incluir documentos relacionados com os países ibéricos, de Portugal, especialmente, pois a vida religiosa na Terra de Santa Cruz muito lhe deveu até à proclamação da República.

JOSE' GONÇALVES SALVADOR

\*

\* \*

LE ROY LADURIE (Emmanuel). — *Histoire du climat depuis l'an mil*. Paris. Flammarion. 1967. Coleção "Nouvelle Bibliothèque Scientifique" sob a direção de Fernand Braudel. 1967.

O clima é função do tempo; êle varia, êle está sujeito a flutuações, êle é objeto de história. E' por isso que as pesquisas dos dados históricos sôbre o clima nos períodos obscuros que precedem as observações sistemáticas são legítimas e fecundas em si mesmas. Essas pesquisas, principalmente na escala secular, a mais apaixonante e a menos conhecida, são o principal objeto dêsse livro. O autor começa de documentos que nos deixaram os séculos precedentes (flutuações das geleiras européas, "a pequena idade glacial", datas de vindimas, etc.) a reconstituir diferentes episódios da história do clima durante o último milênio.

Para Emmanuel Le Roy Ladurie, a história climática deve ser inicialmente definida como uma pesquisa autônoma pelo seu objeto (se bem que aparentada à história humana pelos seus métodos). E' sômente quando se respeita rigorosamente essa autonomia inicial que se pode determinar se houve um laço real entre uma flutuação do clima e um episódio importante da história dos homens. Êsse livro, ricamente documentado, é de uma precisão rigorosa, mostra como as pesquisas do historiador dos climas se ligam às de outros especialistas e tendem para o fim comum de tôda a ciência que é o de testemunhar pela universalidade do saber.

E. S. P.

\*

\* \*

a sociedade colonial hispano-americana que se formou nas áreas mineiras da região andina.

Dividido em cinco partes, cada uma delas apresenta título sugestivo:

- 1). — *La "Sierra" terre d'angoise*; 2). — *Évolution de la Richesse*; 3). — *Une majorité souffrante*; 4). — *Dualité d'une minorité dominante*; 5). — *Le heurt de deux masses*.

Epígrafes retirados da poesia americana, de canções folclóricas, surpreendemos pela beleza e correlação íntima com o assunto.

- 1). — *La "Sierra", terre d'angoise*

*Mas tu la andina la de greña oscura, mi cordillera, la Judith tremenda, hiciste mi alma cual la zarpa dura y la empapaste en tu sangrienta venda* (Gabriela Mistral).

- 2). — *L'Évolution de la Richesse* (Capítulo: 1.o. — *Le Cuzco Parent Pauvre*).

*"Madre de los metales, te quemaron, te mordieron, te martizaron, te corroyeron, te pudrieron mas tarde, cuando los idolos ya no pudieron defenderte...* (Pablo Neruda).

A preocupação da autora com as grandes coletividades indígenas, de *une majorité souffrante* submetida e explorada por *une minorité dominante*, assegura a originalidade de sua monografia, tornando-a profundamente atual, à medida que para nos latino-americanos constitui problema angustiante a existência de largas porções demográficas marginalizadas do processo econômico.

Ao leitor que se depara com trechos de grande impacto poético e emocional, precedendo análises baseadas em fontes manuscritas pertencentes ao *Archivo General de Indias* surge de início o temor de que a interpretação descambe para tonalidades líricas. A verdade é bem outra. Totalmente alicerçada em peças documentais, a autora lança-nos dentro de um período da América Espanhola que se estende desde o final do século XVII até as primeiras décadas do século XVIII. Por vezes, as marcas cronológicas pré-estabelecidas são desrespeitadas. Ao analisar *Le heurt de deux masses* avança até ao final do século XVIII, dedicando um capítulo à Revolta de Tupac Amaru.

O título do livro, *Le Cuzco*, pode sugerir-nos o de um estudo detalhado da cidade, sua evolução e seus problemas nas últimas e primeiras décadas das centúrias acima citadas. E' bem mais amplo o tema abordado. E' quase simbólico o título usado pela autora. E' válido, entretanto, à medida que a velha capital dos Incas foi o ponto chave, a base da qual se desencadeou a conquista e através desta se estruturou uma sociedade humana, totalmente nova, baseada na exploração de riquezas metálicas extraídas por índios *mitayos*.

À medida que a exploração mineral se volta para jazidas de teor metálico cada vez mais baixo, os conflitos entre dominadores e dominados se acentuam. A *Mita* torna-se dramaticamente destruidora.

Apêndice documental, gráficos e tabelas, completam o trabalho e dão solidez à conclusão: *qui nous fait mieux comprendre et surtout aimer le triste et misterieux visage de l'Indien peruvien*.

UACURY RIBEIRO DE ASSIS BASTOS

\*

\* \*

MOLLAT (Michel). — *Les aspects internationaux de la decouverte oceanique aux XVe et XVIe siècles*. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. VIe section". Coleção "Bibliothèque Générale". 1967.

O V Colóquio Internacional de História Marítima (Lisboa, setembro de 1960), que se realizou após o Congresso consagrado à celebração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, o Navegador, escolheu como tema: "Os aspectos internacionais da descoberta oceânica nos séculos XV e XVI". O estudo dos progressos da navegação astronômica nos séculos XV e XVI de um lado, tipos de navios, construções navais de outro, esclareceram muitos capítulos da história das técnicas. Os problemas da cartografia portuguesa, castelhana, italiana e a sua influência sobre a cartografia européia dessa época das descobertas foram abordadas e muitas vezes uma resposta foi encontrada sobre o assunto. Quanto aos múltiplos problemas econômicos propostos pelas descobertas, alguns dos seu aspectos foram postos em evidência pelo estudo do papel dos capitais internacionais nas viagens, e em particular o dos capitais alemães nas empresas portuguesas. Enfim, a análise da definição e da difusão da idéia da "descoberta", da literatura dos descobrimentos lança uma luz nova sobre os mitos que se ligam a essa grande aventura.

E. S. P.

\*

\* \*

CHAUNU (Pierre). — *Les Philippines et le Pacifique des iberiques (XVIe, XVIIe, XVIIIe siècles)*. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. VIe section". Coleção "Ports, Routes, Trafics". 1967.

Nesse volume estão reunidos nas cartas e gráficos, graças à colaboração de Jacques Bertin, de Serge Bonin, do Laboratório de cartografia da Escola Prática de Altos Estudos e do próprio autor, Pierre Chaunu, três séculos de história do mais vasto dos oceanos.

As imagens desse pequeno livro nos dão o testemunho de um mundo destinado já nos séculos XVI e XVII e *a fortiori* o XVIII, a uma conjuntura dominada pelos ritmos europeus e americanos da economia atlântica.

E. S. P.

\*

\* \*

COLIN (Michèle). — *Le Cuzco à la fin de XVIIe et au début de XVIII siècle*. Paris. Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine. Prefácio de Pierre Chaunu. 1966. 230 pp.

Editado pelo *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*, prefaciado por Pierre Chaunu, o livro de Michèle Colin, baseado em fontes manuscritas, estuda

TOUSSAINT (A.). — *La route des îles*. Paris. S.E.V.P.E.N. École Pratique des Hautes Études. VIe section. Coleção "Ports, routes, trafics". 1967.

As ilhas de que trata o presente volume são as Mascarenhas, pequeno arquipélago situado no Oceano Índico, a leste da grande Ilha de Madagascar.

O Autor, que já publicou em 1961, uma *Histoire de l'Océan Indien* procurou desta vez analisar o movimento da navegação num setor particular deste Oceano, e, para fazê-lo pesquisou sistematicamente os documentos conservados nos arquivos da Ilha Maurícia e no de sua vizinha, a Ilha da Reunião.

Seu estudo limita-se ao período compreendido entre 1773 a 1830, ou seja depois do estabelecimento duma Côte do Almirantado nas Mascarenhas até a conquista dessas ilhas pela Inglaterra durante as guerras napoleônicas — período durante o qual o Oceano Índico desempenhou um papel de primeira ordem na conjuntura econômica.

Até agora representava-se geralmente as Mascarenhas como uma das escalas da Rota das Índias, mas o Autor demonstra que elas foram na realidade, durante esse período, o ponto final de uma verdadeira "rota das ilhas", freqüentada por mercadores do mundo inteiro, e o centro de um comércio onde o tráfico negreiro e a pirataria marítima tinham um papel importante.

A obra é acompanhada de numeras estatísticas e de noventa e três documentos escolhidos entre os "relatórios do mar" mais típicos e ilustrado com mapas e gráficos.

E. S. P.

\*

\* \*

CAVIGNAC (J.). — *Jean Pellet, commerçant en gros. Contribution à l'étude du négoce bordelais au XVIIIe siècle*. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da École Pratique des Hautes Études. VIe section. Coleção "Affaires et Gens d'Affaires". 1967.

Após ter traçado numa primeira parte as condições técnicas, econômicas, jurídicas e financeiras nas quais se desenvolve o grande comércio marítimo no século XVIII, o Autor empreendeu a descrição da atividade de um negociante particularmente representativo de Bordéus, então o primeiro pôrto do Reino de França. O comércio de Bordéus no século XVIII, é antes de mais nada o das "Ilhas do Açúcar", e especialmente na primeira metade do século, a Martinica. Esse comércio atlântico domina todo o comércio europeu; os produtos coloniais são redistribuídos em todo o sul da França por comissários e "mercadores drogistas".

O mercado espanhol se fecha mais ou menos em 1726 à redistribuição dos produtos das colônias francesas e Pellet torna-se então o correspondente em Bordéus da "Companhia real de Caracas", fundada pelo rei da Espanha para valorização da Venezuela. Graças à sua fortuna e às suas relações comerciais, Pellet torna-se rapidamente um personagem de vulto em Bordéus, e o Autor, numa terceira parte de sua obra, estuda as conseqüências sociais da sua fortuna.

Uma escôla importante de peças justificativas, de ilustrações e de gráficos permitem levar em conta, de maneira completa, as condições técnicas e financeiras do tráfico marítimo do grande pôrto bordelês.

E. S. P.

\*

\* \*

MEYER (J.). — *La noblesse bretonne au XVIIIe siècle*. Paris. S.E.V.P.E.N. Publicação da "École Pratique des Hautes Études. VIe section". Coleção "Bibliothèque Générale". 1967.

Esse ensaio devotado à nobreza bretã pretende ser ao mesmo tempo quantitativo — na medida em que os documentos o permitem — institucional e psicológico. A obra estrutura-se, pois, sôbre uma dialética permanente que não cessa de multiplicar ambigüidades, falhas, contradições. Nenhuma nobreza, com efeito, não é mais original, mais particularista, mais fechada nos seus usos e costumes, do que a nobreza bretã. Foi acentuado muitas vêzes a "nova nobreza": nenhuma outra sofreu como ela as esquematizações abusivas por ocasião das controvérsias políticas dos séculos XVII e XVIII. Fundamentada sôbre as precauções de um Letaconnoux e mais ainda de Henri Sée, essa pesquisa deixa entrever a parte, muitas vêzes subestimadas do Oeste na economia francesa. A nobreza bretã participa dessa vida econômica mais do que se tem o hábito de dizer. Como Michelet gostava já de fazer notar, a França do Antigo Regime era diversificada.

E. S. P.

\*

\* \*

FINA (Wilson Maia). — *O chão de Piratininga*. Editôra Anhambi S. A. São Paulo, 1965, 125 páginas, formato 0,16 x 0,23, ilustrado com três mapas (encarte).

Nunca vimos um arquiteto tão historiador, ou melhor, uma história tão tecnicamente arquitetada. Temos a impressão que depois de cada pesquisa, depois de cada página, voltava a vê-la, admirando suas características estéticas, de régua de cálculo em punho, buscando ver na pesquisa, uma cornija que colocara, apoiando uma fôlha de acanto do passado.

O segredo de sua técnica reside no equilíbrio, na clareza e conceituação dos fatos que constituem sua razão de ser.

No capítulo I. — *O campo de Piratininga*, inicia, levantando uma problemática, evitando assim a formação perigosa de um mito. Teria Piratininga existido? Seria um rio? Seria taba de índios?... bairro? No final, depois de situar sua problemática, conclui mostrando que Piratininga era um bairro em técnica urbanística moderna e uma paragem no sentido histórico.

No capítulo II. — *O Termo da Vila de São Paulo*, apresenta-nos uma medida, que é fruto de grande pesquisa —

“Quantos metros representavam esses cinco tiros de besta? Besta era... Assim, o primeiro rócio tinha uns 500 metros de raio, partindo como centro o Largo da Sé, o que daria um círculo em torno do raio, rua da Imperatriz (15 de Novembro), até a rua Líbero Badaró, e o raio rua Direita até o rio Anhangabaú. Pela rua Santa Teresa, hoje Largo da Sé, até o Largo 7 de Setembro. Fechava o círculo o curso do Tamanduateí”.

Face a pesquisa de Maia Fina:

“E’ exatamente pelos inventários dos povoadores, com a colaboração dos escreventes e juizes, que verificamos que o termo da vila de São Paulo se estendia a paragens longínquas, tais como: Guarulhos, Juquiri, Cotia, Caucaia, Itapeçerica, Itaquera, Itaquaquecetuba, Arujá e Rio Pequeno, fornecendo-nos assim, uma idéia perfeita de seu tamanho”.

Em 6 de dezembro de 1729, o Procurador da Câmara de Santana do Parnaíba, protestava junto ao Senado da Câmara de São Paulo, contra a intromissão dos Officiais paulistanos nos limites de suas terras. Santana do Parnaíba, hoje cidade morta, foi paragem de grande importância, pois como a vila de São Paulo, também tinha 6 léguas em redor para limite de seu rocio.

Evidencia-se que as marcações eram aleatórias, pela falta de instrumentos de precisão, pois a medida era feita a corda.

No capítulo III. — *Caminhos e Bairros*, nos mostra da preocupação constante “dos camaristas do Concelho”, na conservação em boas condições de tráfego, das pontes e caminhos, que se lançavam nas ondulações topográficas, em direção dos diferentes bairros da vila, além da conservação das fontes que forneciam o precioso liquido para consumo dos habitantes.

Os trabalhos de abertura e conservação dos caminhos e serventia da vila, capinagem... eram feitos com mão-de-obra fornecida pelos moradores e vizinhos aos caminhos e pontes com casas à sua beira, ou que dêles serviam, feito tudo em *mão comum*.

A Ata de 30 de março de 1575, esclarece bem esse cuidado, determinando que

“todo o morador da vila, sob pena de 100 réis de multa mandasse fazer o caminho do ‘Conselho’ que vai daqui para Virapoetra, e que toda a pessoa que tiver terras e testadas, que viesse dar no dito caminho os mandasse fazer e limpar no prazo de 8 dias”.

A mão-de-obra para os trabalhos, que era fornecida pelos moradores, obedecia à proporção de 2 para 6, ou seja, quem tivesse mais de 6 escravos forneceria 2 e quem tivesse menos forneceria um homem, constituindo assim o grupo de trabalhadores.

O mesmo critério era estabelecido pela comuna, nos trabalhos de construção e conservação das fontes.

Maia Fina, encerra seu capítulo mostrando a importância do rio Tietê:

“As propriedades situadas ao sul do rio, tinham denominações antecipando, porém, a palavra *paragem*, vindo depois o indicativo, o lugar. Na paragem onde chamam Ibirapuera, na paragem de Pi-

nheiros, e assim por diante. Para o norte a influência do rio ia até as paragens de Tremembé, Mandaqui, estabelecendo uma linha paralela ao rio. Depois disso, a paragem chamada 'na banda de além do rio', para lá do sertão, para o além".

No capítulo IV, o autor nos dá uma relação dos proprietários em Piratininga, no qual nos revela sua pesquisa:

"Fizemos um levantamento nos 40 volumes dos 'Inventários e Testamentos', publicados pelo Arquivo do Estado de São Paulo, cujas edições vem sendo feitas desde 1921. Seguimos o roteiro estabelecido, através dos Registros da Câmara Municipal de São Paulo e dos livros de Registros de datas de terras e sesmarias".

Finaliza o capítulo com o registro das propriedades em Piratininga, que datam dos anos de 1570, 1576, 1601, 1624, material para localização de Piratininga, no mapa da cidade.

No capítulo V, são tratados os *Testamentos e Inventários* dos moradores de Piratininga. Inicia com *Francisco Rodrigues Barbeiro*, que compareceu aos 30 de janeiro de 1588, ao Paço do Concelho, para registrar uma data de terra de sua propriedade (pág. 41, vol. I, ano de 1937. Departamento de Cultura do Município).

Depois de enumerar vários testamentos e inventários, termina, argumentando,

"se Piratininga fôsse povoado, o Juiz se teria dirigido à casa de Antônio Leite..., donde se deduz que Piratininga ficava fora dos limites do povoado, nos termos da vila".

A verdade geográfica, é tratada no capítulo VI no qual após exaustiva pesquisa mostra-nos que Piratininga era um lugar fora, situado além dos estritos limites do povoado, di-lo Sebastião de Freitas, em sua petição de 1598:

"Vivia no lugar que se chamava Piratininga, campo e terra do Concelho que está devoluto, pelo que nos pedia lhe dêssemos junto a sua casa para 'quintal'".

Era pois, um lugar fora, terras devolutas, porém, já êle morava lá. E que era nos campos de Juqueri, não só o confirma Carvalho Franco, como a petição de Ignez Monteiro, e o próprio escrivão do Concelho, ao ceder as datas de terras no ano de 1640.

Finaliza sua obra no capítulo VII, *O desaparecimento de Piratininga*, mencionando Jaime Cortesão,

"três fatos de ordem muito diversa concorreram para a dispersão da Piratininga de Martim Afonso de Sousa: 1.o) desaparecimento dos objetivos fundamentais; 2.o) insuficiência dos elementos humanos de ocupação; 3.o) reivindicação e expansão espanhola de sentido contrário".

Só com a implantação do colégio ignaciano em 1554, a região começou a sentir a presença do clima protetor da metrópole. Mas São Paulo era apenas o núcleo formado pela presença do colégio.

Foi com a mudança de Santo André para junto do colégio que começou a desenvolver-se o interesse da comunidade, já com feições organizadas em for-



ma de Câmara, Igreja, Pelourinho, Fôro, dando estrutura legal ao núcleo em formação.

Washington Luís, no estudo que fêz sôbre a Capitania de São Vicente, não aceita a existência da vila de Piratininga de Martim Afonso de Sousa, dizendo que

“até agora não se sabe onde tal vila foi situada, ou mesmo se existiu”.

Além dos capítulos, Wilson Maia Fina nos dá três encartes nos quais localiza na planta os moradores, através dos inventários e testamentos e rica bibliografia.

E' autor ainda das seguintes obras: *Martim Afonso de Sousa e os primeiros povoadores de São Paulo*, publicada em 1963; *História do Desenvolvimento do Urbanismo na Cidade de São Paulo*, Edições da Sociedade “Amigos da Cidade de São Paulo”, n.o 18, 1961; *São Thomé, Padroeiro dos Arquitetos*, publicado em 1964 e *Paço Municipal de São Paulo*, publicado em agôsto de 1961.

JOSUE' CALLANDER DOS REIS

\*

\* \*

POWELSON (John P.). — *Latin America: today's economic and social revolution*. McGraw-Hill, New York, 1964, 303 págs., US\$ 9.00.

A contenda ideológica entre capitalismo e socialismo continua. O alvo das atenções no momento é a América Latina. As interrogações a seu respeito são múltiplas: Quais suas tendências ideológicas? Para onde caminha impulsionada pela estrutura econômica e social? Qual o caráter das relações que mantém com os E.U.A.? Estão em fase de deterioração? Que fazer no sentido de reestretá-las? Há, realmente, inclinação para o socialismo? Quais os focos de manifestações mais veementes? Que fazer para extirpá-los?

Êste livro é uma tentativa de resposta a estas questões. Toma por base explicativa o estado atual da estrutura econômica e social, tanto dos E.U.A. quanto da América Latina. Procura detectar e explicar os pontos principais de fricção política entre estas duas regiões. Apontar as diretrizes para reformulação da política exterior dos E.U.A., capaz de estancar o processo de esfriamento das relações entre ambos, condicionantes da inclinação latina à órbita de influência socialista.

O problema central, pois, se refere ao caráter das relações entre os E.U.A. e a América Latina. O Autor assim se expressa a respeito:

“Are interests of Latin America and the United States really in conflict, and do economists unconsciously rationalize those of their own country into “immutable laws”?”. (Pág. 10).

As informações sôbre a economia latina foram colhidas pelo Autor junto ao Centro de Estudos Monetários Latino-Americanos, do Inter-American De-

velopment Bank, do International Monetary Fund; instituições das quais fez parte.

Foi exercendo o cargo de professor na Universidade de San Andres na Bolívia, onde esteve durante o ano de 1960, que o Autor hauriu dos estudantes as informações referentes à mentalidade econômica e política dos latinos. As idéias ventiladas pelos universitários bolivianos foram consideradas como válidas para toda América Latina, porque, segundo o Autor:

“I have heard the same opinions with much frequency elsewhere. The only difference is that other students did not write so many papers for me to cite”. (Pág. viii).

Indubitavelmente a técnica é cômoda, mas pouco rigorosa.

A análise dos problemas econômicos e sociais latinos é empreendida tomando-se dois grupos básicos como ponto de referência. Postulam opiniões diametralmente opostas e são rotulados genericamente *americanistas* e *socialistas*, como sói acontecer. O primeiro grupo é dito integrado por homens de negócios e estudantes. O segundo por estudantes de economia, direito e respectivos professores.

Qualquer individuo medianamente informado a respeito desses problemas percebe a extrema simplicidade desse enquadramento deturpador, incompatível com a realidade existente.

Esta observação é importante na medida em que confirma a assertiva feita acima a respeito da deficiência da técnica adotada para seleção do material.

Explicitamente, o Autor se propõe uma abordagem imparcial das questões já citadas, partindo das concepções esposadas pelos grupos denominados *americanistas* e *socialistas*. Em seguida, submete estas concepções a uma análise crítica, onde o partidarismo é notório. Identifica-se com as concepções americanistas e invectiva às contrárias. A imparcialidade colimada fenece ao longo da obra.

E' realmente muito difícil, quase impossível, empreender uma análise histórica com total isenção de ânimo. Principalmente se levarmos em consideração a atualidade dos problemas aliados a nacionalidade do observador, mais a importância transcendental da América Latina na corrida hegemônica internacional da qual os E.U.A. participam destacadamente. A parcialidade é compreensível mas não justificável.

O método da análise é generalizador. A estrutura econômica e social latina é apanhada de uma forma global. Isto é aceitável se atentarmos para a amplitude do tema e a limitação natural da obra. O que não deixa de criar alguns problemas de interpretação pela negligência sistemática dos fatos particulares. De qualquer forma o Autor denota conhecimento dos problemas econômicos que mais de perto se relacionam com os interesses americanos — preço de produtos primários, financiamento da produção, monopólio industrial e comercial, inflação, integração econômica.

Algumas simplificações implicam em grave deturpação da realidade histórica, como por exemplo, ao falar da organização da atividade agrária vazada na grande propriedade fundiária latina típica, a *hacienda*, caracteriza-a como conceitos próprios da economia feudal, notando-se mesmo certa preocupação analógica quando se refere a existência de obrigações recíprocas (*reciprocal obligations*) entre proprietário e empregado, ao denominar a casa central da propriedade *de menor house*, ao qualificar o administrador de *major domus*. Tal ex-

trapolação de conceitos é inaceitável tendo em vista as limitações impostas pelas variáveis tempo e espaço.

Ocorrem aqui e ali erros de conteúdo histórico. Alguns até de fatos assaz conhecidos, como por exemplo ao referir-se a evolução da economia açucareira afirma que

“when the dutch captured the city of Salvador in 1624, they learned the technique of the cultivation of the sugar”. (Pág. 139).

Os holandeses permaneceram apenas um ano em Salvador após sua captura em 1624. Esta estadia foi de tal forma precária — por terem ficado adstritos a área urbana da cidade coartados nos seus contactos com o interior pelo sistema de guerrilhas impôsto pelos locais — que praticamente tornou impossível um aprendizado técnico relacionado à cultura canavieira. E’ plausível que os holandeses tenham adquirido esta técnica e a transportado para os centros de produção antilhanos após longa estada no Brasil de 1630 a 1654, quando dominaram vasta área do nordeste em condições de relativa pacificidade.

A política econômica dos E.U.A. na América Latina merece um capítulo especial pela sua importância. Neste contexto ganha realce a Aliança para o Progresso, por representar exatamente a reformulação da conduta americana em relação aos latino-americanos. Considera o Autor que os grupos denominados *socialistas* têm-na atacado violentamente, apontando-a como nova forma de imperialismo econômico. Cita um trecho do artigo publicado na Bolívia por um estudante de Direito, que sintetiza o pensamento deste grupo, que diz ser

“The Alliance for Progress is but a cunning shift in the strategy of the United States. Your fundamental purpose is still economic domination in our hemisphere. But you do sense that a revolution is in the making and that is too strong to be quelled by the blunt weapons of the past. So your only recourse is to board it and dilute it from inside”. (Pág. 1).

Os *americanistas* consideram-na como uma política *realmente nova*, com muito de altruismo e política de boa vizinhança. O pensamento deste grupo é sintetizado por John Dreir, embaixador americano na Organização dos Estados Americanos, que, a propósito, assim se expressou:

“...the people of the hemisphere have begun to sense the deeper implications of the change in policy and attitude that is involved—a change of tidal character that may best be linked to that which, about thirty years ago, marked the transition from the United States policy of intervention in Latin America to the policy of the Good Neighbor”. (Pág. 2).

O Autor apóia *in totum* a argumentação americanista que vem comprovar seu sectarismo. Defende sua opinião com base histórica e ideológica. Faz um retrospecto histórico da evolução da política exterior americana, onde destaca duas fases bem distintas: a que precede a década de 1930 e a posterior a esta.

Na primeira fase, a política externa dos E.U.A. se consubstancia na intervenção pura e simples para assegurar os investimentos de capital nos setores mais rendosos da economia latino-americana. Está, pois, nesta fase, totalmente prejudicada a intervenção com fins puramente políticos, na medida em que o socialismo

se ativera à Europa sem fazer qualquer progresso na América Latina. Se intervenção política houve, houve com fins exclusivamente econômicos.

Após 1930, contudo, o problema ganha nova coloração, de tal sorte intensa que justifica a demarcação de uma nova fase. Os fatores dessa mudança são encontráveis nas mutações econômicas e sociais nos E.U.A. resultantes da primeira guerra mundial. Este conflito possibilitou a intervenção gradual do Estado na economia americana com reflexos imediatos na mentalidade econômica liberal e anti-intervencionista. No plano externo, o surgimento do primeiro Estado socialista na América, Cuba, foi fator decisivo na mudança da política exterior americana em relação aos Estados Unidos. Agora os objetivos são duplos: preservar os interesses econômicos e cercear a inoculação político-ideológica socialista na América Latina. Há identificação perfeita entre estes dois objetivos. Um é complemento do outro.

Aí está para Powelson o sentido da Aliança para o Progresso; um instrumento da nova política exterior americana que engloba, no momento, dois objetivos fundamentais: intangibilidade dos interesses econômicos e imunização contra o vírus do comunismo. Senão vejamos:

"The United States did not recognize the moral obligations that the rise to the Alliance for Progress until the domestic counterpart of each of the points in the Alliance had been carefully and elaborately fashioned over a period of three decades. But there were certain impulses—world-shaking events such as the cold war and the Cuban Revolution—, that caused the conscience and political awareness of the United States to spill into the international field in seeming sudden fashion". (Pág. 298).

A justificativa do comportamento político dos E.U.A. em relação a América Latina é efetuada em termos de nível de desenvolvimento econômico, social e político. Estas diferenças são explicadas pelo Autor em função de múltiplos fatores, os quais sejam: geográficos, localização e recursos naturais; humanos, formação étnica e cultural; mas, acima de tudo, a questão é elucidável em termos de ética capitalista, ou seja, enquanto na América Latina se caracteriza pelo individualismo, na qual o homem ultrapassa os limites da decência em função de seus interesses pessoais, na América do Norte se caracteriza pelo ideal de progresso, na qual cada membro do corpo social contribui para o bem-estar da sociedade em que vive.

Ainda mais, as diferenças na evolução do capitalismo entre as duas regiões foi acompanhada pela formação de diferentes valores de justiça social. Por exemplo, na América Latina onde a riqueza era conseguida pela força e por ela mantida, o pobre não tinha culpa da situação em que se achava. Em contraposição, nos E.U.A., onde a riqueza é atribuída primariamente à produção, a pobreza é reconhecida como omissão do pobre e não como opressão do rico. Não existe uma moralidade universal, e portanto, os dois conceitos de justiça social teriam que se chocar quando entrassem em contacto mais estreito.

Denotando estreita vinculação com a ética capitalista predominante nos E.U.A., o Autor explica os problemas latinos em função da incapacidade intrínseca para solvê-los, e além disto, considera que lamúrias, tentativa de jogar sôbre outrém a culpa que é somente sua, desagrada profundamente aos americanos por contrariar frontalmente sua ética de vida. Textualmente, assim se expressa a respeito:

*"It was no fault — of american businessmen — if Latin American politicians were corrupt. If officials could be bribed. To them the Latin American peasant did not control the government, that was his fault, and to him befell the consequences. If he did not himself extract the minerals, then they were forfeit for it was "wicked" to leave them unused. Minerals wealth belonged to those with the genius to find it, the inventive ness and capital to take it out of the ground, and the means to buy it from whatever sovereign had power over the land". (Págs. 293-294).*

Sem sombra de dúvida, é uma perfeita expressão do moderno imperialismo americano.

No plano da superestrutura política, há ainda uma diferença capaz de explicitar o porquê das diferenças entre americanos do norte e latinos. Estes são tendentes à intervencionismo estatal e coletivismo, ao passo que aquêles tendem ao liberalismo. Esta queda para o coletivismo é vista, agora, com maior benevolência pelos americanos, que estão, na opinião do Autor, aprendendo a respeitar o pensamento político e econômico dos povos cuja riqueza material não é tão grande quanto a sua.

As soluções dadas para as várias questões propostas na introdução da obra são pouco satisfatórias, especialmente, no que concerne, a interrogação central a respeito dos interesses possivelmente conflitantes entre os E.U.A. e a América Latina.

Somos induzidos, portanto, a inferir que o objetivo, talvez inconsciente, era realmente outro, pois, no transcorrer de toda exposição transcende a preocupação constante de explicar, justificando, o porquê da política exterior americana na América Latina, num camuflado propósito de diminuir distâncias dinamizando relações.

A cada passo eclode um ataque, nem sempre velado, ao resistema socialista.

Do todo exposto, conclui-se estar o problema sócio-econômico latino-americano inserido no amplo contexto da corrida ideológica e hegemônica internacional, ou seja, a guerra fria.

*JOBSON DE ANDRADE ARRUDA*